

INTRODUÇÃO

Para a avaliação das qualificações de dom Helder Camara ao prêmio Nobel da Paz, há certos pontos a ser destacados: sua mensagem de não-violência na América Latina de hoje pode ser considerada importante para a conservação da paz, já que representa uma real alternativa ao aumento do terrorismo e dos movimentos guerrilheiros. Sua coragem pessoal é indiscutível, é um homem de prestígio e importância, o que faz com que a sua mensagem seja ouvida tanto no Brasil como no exterior. (O Sunday Times de 17 de maio mostra-o como o homem de maior influência na América Latina depois de Fidel Castro). Além disso, Camara não representa apenas ele próprio, mas também uma grande e importante corrente dentro da Igreja Católica da América Latina.

Jakob Sverdrup
Consultor do Comitê Nobel do Parlamento da
Noruega – Oslo, 1970

Às duas horas de 18 de outubro de 1971, uma segunda-feira, o arcebispo de Olinda e Recife, dom Helder Camara, acorda ao som do despertador para mais uma madrugada de vigília – um ritual de reflexão e oração repetido quase diariamente há mais de 40 anos, desde sua ordenação em 15 de agosto de 1931, aos 22 anos e meio.

Dom Helder dedica a vigília daquela madrugada a pensar em como deveria reagir caso se confirmassem as previsões das agências de notícias internacionais e de um jornalista norueguês que o procurara no domingo: consideravam-no “favorito absoluto para o Nobel da Paz, 1971”.

Apenas alguns passos separam seu pequeno quarto, nos fundos da Igreja das Fronteiras, em Recife, de seu escritório. Já em sua escrivaninha, dom Helder resolve dividir suas preocupações e expectativas escrevendo para alguns amigos que, do Rio de Janeiro, acompanhavam sua atuação religiosa e o assessoravam na preparação dos discursos proferidos nas inúmeras conferências a que era convidado no mundo todo, desde que ficara conhecido internacionalmente por sua atuação no Concílio Vaticano II:

Vamos, então, brincar de faz-de-conta...

Faz de conta que a altas horas do dia 20 do corrente ou da madrugada de quinta, 21, as agências telegráficas me despertem com a notícia do prêmio.

A primeira reação seria de prudência: poderia ou poderá, perfeitamente, tratar-se de um trote...

Faz de conta que se comprovasse a concretização do impossível... Primeiríssimo cuidado: rir de mim mesmo e dizer ao Pai, com o Irmão Jesus Cristo: “A vós, ó Pai Todo-poderoso, toda honra e toda glória, agora e para sempre, pelos séculos dos séculos!”.

Cuidado absoluto para não receber o prêmio como se já fosse recompensa que me chegasse na terra: prefiro, mil vezes, deixar tudo para o encontro pessoal, face a face com o Pai. E para que recompensa, se a Santa Missa, estendida ao dia todo, já me torna multimultimilionário?!...

Na hipótese do faz-de-conta, o Nobel só valeria na medida em que ajudasse a marcha das idéias, que não são apenas minhas, mas nossas!

Tenho acalmado amigos, a quem temo ver na frustração... Há quem imagine que seria convidado a fazer uma palestra sobre justiça no mundo na fase final do Sínodo de Roma... Há quem jure que o Nobel arrastaria, infalivelmente, ao cardinalato. Há quem leve o delírio a ponto de achar que o Nobel seria sinal verde para o sumo pontificado...

Vários grupos de parlamentares da Holanda, Suécia, França e Irlanda, e mais o vencedor do prêmio em 1968, René Cassin, haviam proposto formalmente a candidatura de dom Helder em 1970, apoiados por cinco milhões de assinaturas de trabalhadores latino-americanos recolhidas pela Confederação Latino-Americana Sindical Cristã, graças ao esforço do secretário-geral da entidade, Emílio Maspero.

De acordo com o relatório que subsidiou a decisão do Comitê Nobel, elaborado pelo professor de Filologia Jakob Sverdrup, Cassin justificou sua proposta argumentando que dom Helder “simboliza a luta para a melhoria das condições de vida por meios pacíficos”. Para os membros do parlamento da Irlanda, atribuir a dom Helder “o prêmio da Paz seria uma manifestação valiosa de solidariedade humana numa situação dominada pelo terrorismo e pela opressão”.

Os parlamentares suecos argumentaram em sua justificativa que dom Helder, além de “importante protagonista da não-violência”, exerce uma “posição de liderança” dentro da Igreja, “ao mesmo tempo que atua de maneira importante na luta pela obtenção de reformas sociais”. Considerando que dom Helder “tem obtido sempre maior importância internacional, como se verifica por seu papel durante o Concílio Vaticano II e por seu comparecimento a várias conferências internacionais”..., eles concluem que “seria de importância inestimável” atribuir-lhe o prêmio da Paz, uma vez que sua atividade, “de modo geral, é censurada e combatida pela parte conservadora da Igreja e pelas autoridades do Brasil”. O próprio consultor do Comitê Nobel, Jakob Sverdrup, em seu relatório sobre dom Helder, também se manifestou visivelmente favorável a que lhe fosse concedido o prêmio.

Apesar desses importantes pareceres favoráveis à premiação de dom Helder, o Nobel da Paz de 1970 foi “surpreendentemente” atribuído ao professor norte-americano Norman Borlaug, especialista em Fisiologia das Plantas, que realizara pesquisas sobre cereais para o Instituto Rockefeller do México. Insatisfeitos com esse resultado, os partidários de dom Helder ratificariam sua candidatura ao prêmio nos três anos seguintes.



Em 8 de fevereiro de 1968,
o nome de dom Helder
recebe apoio para a indicação
ao Nobel da Paz.

Nas vésperas do anúncio do premiado em 1970, dom Helder escreve a seus assessores do Rio que, “caso venha o prêmio, eu o interpretarei como encorajamento que o Pai me envia...”. Em 1971, não só considerou mais detidamente a possibilidade de vitória, na brincadeira do “faz-de-conta”, como chegou a imaginar que se o prêmio lhe fosse atribuído, “seria o caso de estudar prós e contras de um aceno direto ao governo brasileiro (na linha de um apelo, em alto nível, para certas aberturas!), sobretudo na hipótese de qualquer gesto de simpatia ou de mera cortesia”.

A julgar por sua expectativa “otimista” quanto à possibilidade de ser agraciado com o Nobel da Paz, dom Helder não tinha conhecimento da silenciosa e eficiente campanha de bastidores coordenada pela embaixada brasileira em Oslo, em nome do governo brasileiro chefiado pelo general Emílio Garrastazu Médici, com o objetivo de “neutralizar” sua candidatura ao Comitê Nobel.

Durante a produção de um documentário sobre o Comitê Nobel do parlamento norueguês, a rede de televisão Norwegian Broadcasting Corp. (NRK-TV, Oslo, Noruega) conseguiu documentos que comprovam as gestões do governo brasileiro, por meio de sua missão diplomática naquele país, com os membros da comissão encarregada de escolher o ganhador do prêmio, nos anos em que a candidatura de dom Helder foi apresentada. Sua vitória foi evitada por aquela embaixada em Oslo em virtude de uma atuação sigilosa em duas frentes:

incentivando uma campanha contrária ao arcebispo brasileiro em alguns jornais noruegueses, na tentativa de criar uma corrente de opinião que legitimasse a rejeição de seu nome pelo Comitê Nobel, e trabalhando indiretamente para que a maioria dos membros do Comitê votasse contra a premiação de dom Helder.

Para que a campanha não fosse descoberta pela imprensa favorável ao arcebispo, o embaixador Jaime de Souza-Gomes contou com a colaboração do empresário Tore Munch, dono de importantes negócios na Noruega e no Brasil, entre eles duas fábricas de guindastes em São Paulo, um jornal na cidade de Bergen, sede de seu grupo, e outro em Oslo, o *Morgenposten*.

Com a ajuda do jornalista Júlio de Mesquita Neto, dono do jornal *O Estado de S. Paulo*, Tore Munch conseguiu, no Brasil, um dossiê sobre a vida de dom Helder que municiou vários artigos sensacionalistas contra o arcebispo publicados no *Morgenposten*. Um dos artigos foi assinado pelo jornalista Arild Lillebo, diretor-chefe do departamento de política internacional do jornal, e publicado no Brasil pelo mesmo *O Estado de S. Paulo*, de 18 de outubro de 1970, com o título “Prêmio Nobel à Violência”:

... Na década de 1930, dom Helder Camara era fascista, “camisa verde” e defensor dos adeptos de Adolf Hitler no Brasil. Hoje em dia ele tem se virado no sentido oposto, politicamente, e muita gente o considera comunista. Ele é um grande admirador de Fidel Castro e vê líderes como Ernesto Che Guevara e Camillo Torres como modelos.

Na América Latina, dom Helder tem chegado a ser uma personalidade sumamente controvertida. Alguns o consideram um oportunista, enquanto outros o acusam de mentir quando lhe é conveniente. A verdade aqui, como acontece tão frequentemente, é difícil de esclarecer. Mas será que uma personalidade tão controvertida merece o prêmio Nobel da Paz?...

A atuação de Tore Munch foi ainda mais decisiva para a persuasão da maioria dos cinco membros do Comitê Nobel a votar contra a candidatura de dom Helder. Munch era amigo pessoal de pelo menos dois membros do Comitê: Sjur Lindebraekke, na época o maior banqueiro do país, presidente do Privat Bank de Bergen, e Bernt Ingvaldsen, presidente do parlamento norueguês e vice-presidente do Comitê Nobel.

Para completar o trabalho de bastidores de Tore Munch, ainda segundo a pesquisa realizada pela NRK-IV, outro importante empresário norueguês com negócios no Brasil, Henning Boilesen, presidente do Grupo Ultra, logo depois de participar de um encontro do Banco Mundial em Copenhague, no final de 1970, também visitou o Instituto Nobel, em Oslo, para pressionar o Comitê a votar contra dom Helder. (Boilesen ficou conhecido em meados de 1969, quando passou a arrecadar dinheiro de outros empresários estrangeiros que atuavam no Brasil para financiar a tristemente famosa Operação Bandeirante (Oban), formada oficiosamente por policiais e militares para intensificar a repressão aos opositores do regime militar brasileiro, recorrendo, para tanto, ao uso sistemático de métodos de tortura em seus “interrogatórios”. Pouco tempo depois, em 15 de abril de 1971, o empresário Henning Boilesen acabaria sendo morto pelo grupo de guerrilha urbana Ação Libertadora Nacional (ALN), que decidira executá-lo em razão de sua colaboração com os órgãos de repressão do governo ditatorial).

Em dezembro de 1970, a revista inglesa *Private Eye* publicou um artigo denunciando as influências políticas sobre a decisão do Comitê Nobel, citando inclusive os nomes de Munch, Lindebraekke e Ingvaldsen como responsáveis pela derrota de dom Helder, mas sem envolver a embaixada brasileira em Oslo. Logo depois da publicação do artigo na Inglaterra, Munch e Souza-Gomes, embaixador brasileiro, articularam-se para evitar que a denúncia repercutisse na Noruega e provocasse, em consequência, o afastamento de Lindebraekke e Ingvaldsen do Comitê Nobel, o que seria prejudicial à continuidade da campanha contra dom Helder, cuja candidatura seria novamente proposta em 1971. Munch, depois de reconhecer que o vazamento das informações para a revista inglesa ocorreria em um de seus jornais, não se sabe como, conseguiu o “silêncio” do único jornal norueguês que ameaçava publicar a matéria da *Private Eye* o *Dagbladet* (publicação do Partido Trabalhista).

Para garantir que se repetisse, em 1971, o sucesso de sua campanha contra dom Helder no Comitê Nobel, a embaixada brasileira buscou ampliar seu leque de colaboradores na Noruega. Decidiu, então, em nome do Ministério das Relações Exteriores, convidar o jornalista Audum Tjomsland, redator de política internacional do maior jornal da Noruega, o *Aftenposten*, ligado ao Partido Conservador. O Ministério das Relações Exteriores contaria com a colaboração do jornalista Rui



Francisco Mooren, organizador da campanha internacional pela atribuição do Prêmio Nobel da Paz a dom Helder oferece-lhe um bolo em comemoração aos seus 65 anos, em 7/02/1974, na Suíça.

Mesquita, um dos diretores de *O Estado de S. Paulo*, que se ofereceu para pagar as passagens do jornalista norueguês e acompanhá-lo em sua visita ao Brasil, já que também estava interessado em colaborar para a inviabilização da atribuição do prêmio da Paz ao arcebispo brasileiro.

Durante sua estada no Brasil, Audum Tjomsland faria a cobertura jornalística da inauguração de uma nova fábrica de guindastes de Tore Munch, construída no quilômetro 20 da rodovia Raposo Tavares, em São Paulo.

O embaixador Souza-Gomes acreditava que a divulgação de notícias sobre os negócios da Munch do Brasil S.A. ajudaria a melhorar a imagem de seu país na Noruega, incentivando os empresários noruegueses a realizar novos investimentos no Brasil.

O empresário Tore Munch chefiaria a comitiva em que viria o jornalista do *Aftenposten*, composta ainda pelo banqueiro Sjur Lindebraekke, um cientista e um professor. Ao governo brasileiro caberia recepcionar, promover excursões e homenagear os ilustres visitantes para mantê-los fiéis à campanha da embaixada brasileira em Oslo. Pouco antes da viagem, porém, o banqueiro Sjur Lindebraekke desistiu de fazer parte da comitiva, evitando, assim, nova acusação de envolvimento na campanha contra dom Helder, como aquela do ano anterior feita pela *Private Eye*.

Em outubro de 1971, já no Brasil, o jornalista Audum Tjomsland mudou o roteiro proposto pelo governo brasileiro e foi a Recife, onde visitou dom Helder num domingo, dia 17. Como se nada planejasse contra dom Helder na Noruega, Tjomsland chegou a conversar com o arcebispo, inclusive comentando seu “favoritismo absoluto” para receber o prêmio. Embora não soubesse o verdadeiro motivo da visita do jornalista ao Brasil, dom Helder, nada ingênuo, procurou demonstrar-lhe “a impossibilidade de ser vencedor, com mais 39 concorrentes, entre eles Monnet, criador da Comunidade Européia, e Willy Brandt, o demolidor do Muro da Vergonha”.

Contrariando a esperança que expressara em sua vigília de segunda-feira, 18 de outubro, na quarta-feira, dia 20, às três da tarde, quando iniciava uma reunião no secretariado da arquidiocese, dom Helder recebeu a notícia de que o prêmio Nobel da Paz daquele ano fora concedido ao alemão Willy Brandt.

Se a notícia o abalou, não foi suficiente para atrapalhar sua participação na reunião em que se decidiu a elaboração do plano pastoral para o ano de 1972, a ser anunciado em uma concentração pública prevista para o final do ano no ginásio Geraldão, em Recife.

Willy Brandt recebeu os votos de três dos cinco membros da comissão que escolheu o vencedor: de Aase Lionaes, a presidenta do Comitê Nobel, de Bernt Ingvaldsen, vice-presidente do Comitê Nobel e dirigente do Partido Conservador, e do banqueiro Sjur Lindebraekke. Dom Helder recebeu os votos de Helge Refsum, juiz do Tribunal de Justiça em Bergen, e de John Sannes, presidente do Instituto de Política Exterior da Noruega.

A repercussão da derrota de dom Helder em 1971 foi ainda mais ruidosa que no ano anterior. Vários jornalistas denunciaram como tendenciosa a decisão do Comitê em virtude de supostas pressões do embaixador da Alemanha na Noruega em favor do chanceler Willy Brandt. O próprio Willy Brandt acabou precisando defender-se publicamente das acusações.

Em 1972, para fugir da polêmica, o embaixador brasileiro acautelou-se ainda mais, evitando atitudes ostensivas contra a candidatura de dom Helder, na esperança de que o trabalho de bastidores realizado nos dois anos anteriores continuasse a surtir efeito, e assim foi: apesar de novamente ratificada a candidatura do arcebispo em 1972, o Comitê Nobel decidiu não escolher nenhum ganhador para o prêmio da Paz.

Em 17 de outubro de 1973, seria anunciada a decisão do Comitê Nobel para aquele ano. Dom Helder encontra-se em mais uma madrugada de vigília quando volta a escrever aos amigos do Rio de Janeiro considerando tanto a possibilidade de vitória como a de uma nova derrota.

Mas dessa vez, ao contrário do sutil otimismo revelado nos anos anteriores, o arcebispo demonstra certa indiferença em relação ao prêmio:

Misteriosos e sábios os caminhos de Deus:

As agências telegráficas internacionais interpelam-me dizendo que, às vésperas do Nobel da Paz 1973, sou apontado como favorito indiscutível.

Respondo, amável, que todos os dias vemos em corridas de automóveis, em partidas de futebol, em corridas de cavalos, “favoritos” sendo superados...

Ou me engano de todo, ou não me conheço nada, ou não vejo nada de nada dentro de mim, ou se o balão furar, se o prêmio não vier, não perderei um segundo de sono... Estou preparado, inclusive, para gozações que certamente surgirão em decorrência disso.

... Os irmãos Barrigan – Filip e Daniel – me escrevem dizendo que devo saber que sou o favorito absoluto do Nobel da Paz 1973. Eles me transmitem um apelo, dizem, em nome de milhões: vindo o prêmio, que eu o rejeite, como protesto por haver o comitê de Oslo aceito a candidatura de Richard Nixon... Respondi-lhes dizendo:

– que o Nobel da Paz jamais chegou a preocupar-me;

– que minha candidatura sempre foi lançada, sobretudo, por jovens e trabalhadores, a quem escrevi dizendo que, para mim, o verdadeiro Nobel era a compreensão e a simpatia dos moços e dos operários, dos oprimidos e dos simples...

– que, no entanto, me perdoassem: de modo algum assumiria, diante de Nixon, a posição que me sugeriam: tenho, com ele, pontos comuns, muito mais profundos do que o fato de sermos, os dois, candidatos ao Nobel da Paz: os dois somos irmãos em humanidade e irmãos em Cristo...

Às seis da manhã do mesmo dia 17, quando se preparava para rezar a primeira missa do dia, dom Helder recebe, por telefone, a notícia de que o prêmio Nobel de 1973 fora atribuído ao norte-americano Henry Kissinger e ao vietnamita Le Duc Tho, por conta das negociações pelo fim da Guerra do Vietnã, ou seja, vitória do presidente norte-americano Richard Nixon, por meio da premiação de seu secretário de Estado.